

Os economistas

A crise mundial posta em debate

Durante quase uma hora e meia, o ex-ministro da Fazenda e Planejamento, Mário Henrique Simonsen, e o professor da Unicamp, economista Luís Gonzaga de Mello Belluzzo, debateram a atual crise econômica internacional, suas origens, suas repercussões no Brasil e as possíveis soluções.

Gravado em video-teipe e coordenado pelo professor João Manuel Cardoso de Mello, também da Unicamp, o debate foi posteriormente apresentado em seminários promovidos em seis capitais brasileiras. Além de exporem suas idéias sobre a colaboração da ciência econômica para resolver os problemas atuais, Simonsen e Belluzzo responderam a perguntas de seis jornalistas de São Paulo. O debate, na íntegra, é o seguinte:

CARDOSO DE MELLO — Hoje é um dia bastante importante para o estudo da economia no Brasil. Mais ainda: é um dia importante para o estudo do conjunto das ciências sociais neste país.

A Abril Cultural lança mais uma das suas séries, a mais ousada delas. A série chama-se "Os Economistas". Teremos livros de economistas de várias tendências, traduções bem cuidadas, extremamente bem cuidadas, autores acompanhados de introdução feita pelos principais economistas brasileiros, a cada quinzena. Os autores são os clássicos de várias correntes de pensamento. Boa parte deles não está editada em português. E é, na verdade, para marcar o lançamento desta série que estamos hoje aqui para um debate com o professor Mário Henrique Simonsen, da Fundação Getúlio Vargas, e com o professor Luís Gonzaga de Mello Belluzzo, da Universidade de Campinas.

Depois das crises do petróleo entramos na crise dos juros, talvez a pior de todas

Gostaria de colocar um primeiro tema: o mundo e o Brasil, em particular, vivem hoje uma crise que parece de larga profundidade. Gostaria de indagar ao professor Mário Henrique Simonsen como vê as raízes da crise, os contornos da situação atual e se arrisca alguma previsão para os próximos anos.

SIMONSEN — A História já registra que os períodos de vacas gordas se alteram com períodos de vacas magras, e o mundo está vivendo num período de vacas magras desde o primeiro choque do petróleo, em 1973. A quadruplicação do preço de petróleo pela OPEP, em outubro de 1973, criou problemas de inflação, problemas de desequilíbrio do balanço de pagamentos e problemas de endividamento externo, que se alastraram para os mais variados países do mundo.

O mundo ia caminhando para um ajustamento em 1978; e em 1979, logo após a deposição do xá do Irã, sobreveio a segunda crise do petróleo, criando novas dificuldades para a economia mundial, na mesma linha de problemas de inflação, problemas de balanço de pagamentos, espalhados pelos vários países do mundo.

Sobreveio, então, uma terceira crise, talvez a pior de todas, que foi a crise dos juros e cujo epicentro se encontra na política americana. A origem dessa crise é uma falta de sinergia entre a política de combate à inflação do Banco Central norte-americano — a reserva federal — e o déficit orçamentário dos Estados Unidos, que empur-



Mário Henrique Simonsen

ra a inflação para cima. Os Estados Unidos, desde 1979, têm vivido uma situação em que, de um lado, o Banco Central tenta apertar e, de outro, o governo tenta gastar mais. Uma parte do governo combate a inflação, outra parte do governo estica a inflação.

Qual é o resultado disso? O resultado é que o governo financia os seus déficits pela colocação de títulos junto ao público. Essa colocação eleva a taxa de juros, porque ela disputa as poupanças privadas para financiar os déficits governamentais. Então, os Estados Unidos passaram a experimentar, desde fins de 1979, mas sobretudo durante o governo Reagan, taxas de juros sem precedentes na história do mundo ocidental para países como os Estados Unidos.

Isso, para a economia americana, teve vários efeitos: um efeito natural, de criar recessão nos Estados Unidos, porque as empresas começaram a não ter fôlego para investir com juros tão altos. Isso irradiou, em segundo lugar, um problema de procura de dólares; já que os dólares rendiam juros muito altos, era interessante para os europeus e para os japoneses desfazerem-se dos marcos alemães, dos ienes, para comprar dólares. Isso fez com que o dólar se valorizasse, o que, para os Estados Unidos, acabou sendo muito ruim, porque os Estados Unidos perderam competitividade nas suas exportações. Exportando menos, mais indústrias americanas entraram em dificuldades e em recessão, e o fato é que a taxa de desemprego, nos Estados Unidos, chegou a 9,9%, o que é o maior recorde desde a Grande Depressão da década de 30.

Estou falando sobre os Estados Unidos, mas o peso da economia americana no cenário mundial é suficientemente grande para que uma crise que lá ocorra se reflita no mundo todo.

O que aconteceu com os países europeus? Os países europeus, com a desvalorização de suas moedas, com relação ao dólar, começaram a ter aumento de preços internos. Trataram de conter esses aumentos com medidas recessivas. Os países europeus trataram, também, de ajustar seus balanços de pagamentos, e nesse ajuste houve também menos esforço de crescimento. Idem com o Japão.

Como tudo isso se refletiu sobre nós?

Refletiu-se, em primeiro lugar, porque os juros elevados lá de fora se transmitiram a juros elevados aqui dentro. É necessário, para rolar todas as contas do balanço de pagamentos, que haja alguma semelhança entre as taxas de juros lá de fora e as daqui de dentro, sem o que ninguém tomaria dinheiro emprestado em dólares.

Então, esse é um primeiro fator de transmissão de crise. Temos hoje, no Brasil, os juros reais muito elevados, juros reais realmente que não têm precedentes em nossa história, e que inibem investimentos e que inibem a produção.

Temos, em segundo lugar, dificuldades de exportação, resultantes da própria crise mundial. Diga-se de passagem, o Brasil não é dos países mais atingidos pela crise. Há países muito mais atingidos entre nossos vizinhos, a Argentina, o Chile, agora o México, mas alguns desses países eram grandes compradores nossos, como a Argentina, o México, o Chile, a Nigéria, e que foram muito fortemente atingidos pela crise. Então, é claro, há um mecanismo inter-



Luís Gonzaga Belluzzo

nacional de propagação da crise e no qual o Brasil sofre.

Perspectiva: nos últimos dias, houve algumas notícias otimistas no sentido de que os Estados Unidos parecem caminhar para uma melhor conciliação entre a sua política monetária e a política orçamentária, um

orçamento mais austero, uma política monetária menos apertada. Então, essa conciliação permite, e já permitiu, alguma queda dos juros internacionais, o que talvez seja um ponto de saída para uma recuperação da economia mundial, que beneficiará a todos, e o Brasil em particular.

E claro, ainda há muitos pontos de interrogação no horizonte. Eu diria que, em todas as crises — e mais adiante voltaremos a debater esse ponto — há dois aspectos: há certos aspectos externos, que não se podem evitar, mas há os erros de política econômica, que podem e poderiam ser evitados, e, sem dúvida nenhuma, sobretudo nessa crise de juros ela foi o resultado de erros muito graves de política econômica.

CARDOSO DE MELLO — Vou voltar a isso depois. Quero ouvir agora o Belluzzo. Qual a visão que você têm da crise?

BELLUZZO — Eu recuaria um pouco no tempo para explicar qual é o meu ponto de vista sobre a natureza da crise.

Entendo que a economia mundial ingressou numa grave crise, talvez a mais profunda do ponto de vista das suas implicações estruturais, desde 1930. Eu diria mesmo que esta crise tem mais semelhanças com a crise do final do século passado, que ocorreu entre 1883 e 1896, e que, na verdade, liquidou com a supremacia inglesa e permitiu o ingresso, com as economias líderes no mundo capitalista, dos Estados Unidos, da Alemanha e do Japão.

Esta nossa crise assemelha-se àquela, no sentido de que ela vai implicar a redistribuição do poder econômico mundial provavelmente com profundas consequências.

A crise que estamos atravessando teve início já no final dos anos 60, quando os primeiros sintomas começaram a se manifestar. Poderiam ser apontados três indícios de que se avizinhava o esgotamento de um longo ciclo de crescimento das economias capitalistas.

O "milagre" brasileiro seria inconcebível sem o avanço do comércio internacional

Em primeiro lugar, o sistema monetário internacional, baseado na supremacia comercial e industrial americana, e, portanto, do dólar, já dava sinais de desorganização. O ritmo de desenvolvimento produtivo dos países industrializados começava a declinar e, finalmente, o crescimento de um circuito financeiro internacional denunciava as primeiras rupturas no sistema criado em Bretton Woods, em 1944, e encaminhava imensas massas de capital dinheiro para o circuito de valorização financeira. Mas, entre 1968 e novembro de 73, apesar de os prenúncios dessas crises se

rem mais ou menos evidentes, a economia mundial ainda podia crescer, estimulada sobretudo por uma política expansionista americana e, naturalmente, a expansão se fez com um enfraquecimento crescente do dólar, com uma inflação ascendente, com a ampliação dos déficits fiscais e com uma elevação das ondas de especulação financeira, das ondas de especulação cambial e da especulação mercantil.

Este sobrefôlego das expansões capitalistas tem muito a ver com o crescimento excepcional de vários países da periferia. Este, aliás, é o tempo do chamado "milagre brasileiro", cuja expansão eufórica seria inconcebível sem o avanço do comércio internacional nos níveis em que se fez, a taxas em que se fez, o afluxo de investimentos diretos das empresas multinacionais e o afrouxamento das condições de crédito externo.

A necessidade de reciclar excessões financeiros forçou maior endividamento

E neste panorama de instabilidade latente que eclode a contemporização dos preços do petróleo. Este fato trouxe importantes consequências para a ordem mundial. Os países árabes passaram a acumular saldos em conta corrente e, em contrapartida, os países importadores de petróleo começaram a acumular déficits, e esses déficits localizaram-se sobretudo no mundo subdesenvolvido importador de petróleo.

Esse mecanismo significou, na verdade, um forte golpe na estrutura de trocas que vinha prevalecendo no mercado internacional. O fato de os saldos serem acumulados por países incapazes de transformá-los em contas de mercadorias e, dessa forma, estimulando o comércio, impediu que o aumento dos preços do petróleo se resolvesse no incremento das trocas. A necessidade, portanto, de reciclar os excesses financeiros, através do mercado mundial de dinheiro, forçou a ampliação desmesurada do coeficiente global de endividamento; ou seja, a redistribuição dos saldos em dólares, a favor dos países árabes, acabou por acarretar o encurtamento da liquidez corrente do comércio, que se traduz, por outro lado, numa acumulação de débitos junto ao sistema financeiro. A peculiaridade dessa situação está no descompasso entre o crescimento da dívida global das empresas, dos bancos e dos países, e a evolução do comércio da produção. As consequências desse descompasso são, naturalmente, o revigoramento dos circuitos financeiros especulativos do mercado e o aparecimento de déficits estruturais nas contas correntes dos balanços de pagamentos dos países da periferia.

Esses desequilíbrios provocados pela subida dos preços do petróleo coincidem com o mergulho das taxas de investimento no

(Continua na página seguinte)